



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — JOÁQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico *Tathaba-Lisboa* • Telefone 1

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O avanço russo



LOCUTORIO DUM INSURRECTO

Segundo as notícias que nou-
deroso, querem veladamente con-
lugar publicamos, a cidade de temporizar; outros, obtusos, ma-
Varsóvia será em breve tomada
nejados pelos interesses mesquinhos dos capitalistas ambiciosos;
pretendem opor resistência, resis-
tência vã, caricata, que, em vez
de fazer tremer, faz rir.

Nada se pode opôr à força
grandiosa da revolução. Ela apro-
xima-se. Que não tenham mais ilu-
sões os políticos cá da terra. A

hora sangrenta da vingança está

prestes a soar. E os verduros,

que neste momento escarnecem os
que trabalham, tratando com ini-
quiidade os que os sustentam e
inverosímil barateza do serviço. Há
absolutamente nova para a hu-
manidade, um ideal de emancipa-
ção que, dia a dia, mais se robustece,
mais se engrandece. O exér-
cito russo não é apenas um agro-
do de homens armados, impeli-
dos inconscientemente para os
campos de batalha; é a revolução
organizada, formidável, colossal;
que esmaga todas as forças que
se lhe opõem, que irrompe indo-
mável, que derruba todas as oposi-
ções. São os operários armados
que lutam contra a opressão mun-
dial; por isso eles vencem, por
isso se cobrem de justa glória.

O destino do mundo, pode di-
zer-se, depende do sucesso do
exército vermelho. A tomada de
Varsóvia será o incêndio que se
comunicará à Europa inteira e que
vará ir pelo ar privilégios e opres-
sões, iniquidades e "chantages",
capitalistas e governantes.

Os governos da Entente sabem
que estão à beira do precipício e tentam evitar a queda de
qualquer maneira. Uns, como o in-
glaterra, dando a impossibilidade de
sua sociedade futura.

A luta decisiva está prestes a
travar-se. Que todos os que tra-
balham pondrem este momento
o gesto dos nossos camaradas rus-
sos.

Que todo o proletariado por-
tuuguês se une e trabalhe pela sua
emancipação, dando o seu apoio

aos sindicatos, que são o embrião

da sociedade futura.

A avalanche vermelha

NOTAS & COMENTARIOS

É boa! Alguém nos disse (talvez

tenha razão) que em Portugal

não existem gêneros caros. Pensá-
mos a fundo no assunto e ficámos es-
pantados porque o dinheiro se nos es-
côa por entre os dedos, numa velocidade
incrível. Não há gêneros caros. É
que se gasta, então, o dinheiro?

— Não há gêneros caros — repetiu a

tal pessoa. Não há gêneros caros nem
baratos, não há gêneros de qualidade
alguma.

Deve ser assim. O dinheiro gasta-se,
pois, na falta de gêneros...

E boa!

Pela Rússia Chegaram há dias, a
Paris, os dois delegados franceses, enviados

à Rússia, Cachin e Frossard. Publicámos ontem alguns trechos

duma entrevista que este último

concedeu ao *Populaire*. Hoje traduzi-
mos um pedaço interessante duma en-
trevista que Cachin teve com um re-
dactor de *La Bataille*:

— Os camponeses, que constituí 85 %

da população, nunca foi tam bem alimen-
tado como, no presente momento.

Ele tem uma média de 4 a 6 hectares

a cultivar e consome uma parte dos pro-
dutos que os meios de transporte não

permitem ainda fazer circular. Nas ci-
dades, a vida é mais difícil pelas mes-
mas razões — falta de transportes — mas

a organização é admirável e ordem

perfeita. Também a primeira preocu-
pação dos Soviéticos dos grandes centros

urbanos consiste em alimentar as crian-
ças. Este cuidado em salvar a infância

é dos mais tocantes e adquire uma fór-
ma para futuro que não escaparia a nenhuma

daqueles que visitou a nova Rússia.

Parce, no fim de contas, que quem

passa mais somos nós.

Inconsciência ou

ou loucura? — Inconsciência ou

ou loucura? — pergunta o jornal sindicalista

La Bataille, em face

da estranha decisão do governo fran-
çês de reconhecer o governo do gene-
ral Wrangel, que anda aos paus, em

combates cujo resultado se evidencia

por fugazinhas desastradas. Inconsci-
ência ou loucura, reconhecer Wrangel,

quando os russos vermelhos estão a

portas de Varsóvia?

— É caso para termos dó do Millerand,

coitado!

**Propaganda Sindi-
calista**

Realiza-se na próxima sexta-feira,

20, pelas 20 e meia horas, na sede do

núcleo Juventude Sindicalista do 1.º

bairro uma grandiosa sessão de propa-
ganda sindicalista, onde farão uso da

palavra delegados da U. J. S. P., nú-
cleos de juventude, federações de in-
dústria, etc., e estando também con-
vidados diversos militantes do movimento

sindical.

Convide-se a assistir o povo tra-
balhador e em especial a mocidade sindi-
calista.

Convidam-se desde já os sindicatos

operários que por laço não tenham re-
cebido convite particular.

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

A CIDADE...

OS CEMITERIOS

Lisboa tem cemitérios deliciosos, cheios de luz, de cér e de vida. O do Lumiar, pequenino, recatado, encantado; os Prazeres, aristocrático nos seus marmores puros, deslumbrante; o dos Ingleses, fino, bem tratado e silencioso, convida à meditação; o Oriental, ali ao Alto de S. João, burguês e plebeu, muito simples, muito claro, com maravilhosa vista para o Tejo azul, atraente. Por este último sinto uma simpatia especial, talvez por ter passado a minha infância na sua vizinhança. Quem sabe se o meu corpo não repousa um dia de ceira de viver, à sombra dos ciprestes?

Tenho ido muita vez ao Alto de S. João. É um passeio admirável que eu faço com prazer. Subo ao Piso dos *complots tenebrosos* até ao ponto extremo onde a casaria rústica e grandes padecos de terreno acidentado são emoldurados ao longo pelo río largo da brisa húmida. Daí contemplo o cemitério, embobo o meu olhar na alvura dos jazigos, entre ciprestes verde-escuros; percebo-me no labirinto das suas mil sombras azuladas, que são mil mistérios, e julgo adivinhar, no delicioso recolhimento da morte, atrações desconhecidas, como se ali estivesse um lindo e rosado corpo de mulher, envolto em redomas brancas, volutas.

A beleza do cemitério está no elo-
quente silêncio em que tudo jaz. Os pássaros ali não chifreiam, as abelhas não soltam o seu zumbido incessante, não há cães que ladram, como nas her-
nades; não há ruído de eléctricos, bu-
zinas de automóveis, nem tiros de caça;

não há bailes, toques, cantigas, nem desordens de feira; não há ralhos, lamentos, risos, nem rodas de carro, chiando. Os cemitérios não tecem nada disto, e por não o terem é que gosto deles. Amo a sua solidão. Nela encontro vida, vida que não se vê, cuja força impetuosa, forte, é como a pressão do vento misterioso que arrasta pesados barcos até ao Oriente e no-lhos devolve plenos de riquezas, mágicas e perfumes. Há muita vida naquele silêncio de poesia.

Só os epitáfios dão centenas de histórias, tocantes de simplicidade, maravilhosas de mentira, amargas de tristeza, alucinantes de tragédia, vermelhas de ódio, alegres de ironia, brancas de ingenuidade; de dor resignada, de revolta malditamente contra a eternidade; aborrecidas de pretensão, entaladoras de poesia.

Há figuras de pedra branca que leem, em grandes livros, inconcebíveis lisonjas aos desgraçados mortos; há outras que meditam. Vêem-se cruzes de mármore sólido e cruzes negras que tudo dizem na sua simplicidade; jazigos alvos de porta azul e cortinados descidos; altas moradias góticas, respirando fér, largas escadarias que se sobem de ano a ano; túmulos romanos baixos, severos e tristes; estatuas quedas fitando eternamente o espelho. Sabe bem ver toda esta calma, o nosso pensamento adquirir uma megalabilidade estranha, subtilizante, roçando todos os incógnitos, adivinhando-os.

Há dias fui ao cemitério oriental ver as campas rasas dos pobres e os habi-
tats luxuosos dos mortos ricos.

Estava um dia admirável de poeira que pesava sobre o dorso, como um grande farol de chumbo candente. Pela estrada de várias carretas passavam apressadas, os panos negros de caixões scintilantes de lantejolas. Seguiam-nos corteiros silenciosos, de luvo vestidos, e cabisbaixos, que horas depois afogariam má-
guas no vinho espumante do Manuel dos Passarinhos. Os homens entalados em colarinhos altos, suavam em bica; as mulheres, embrulhadas em chales pre-
tos, caminhavam a custo, tropeçando nas pedras. Passou um carro acompanhado dum só amigo, velho trôpego, que mal aguentava a marcha rápida dos gatos pingados; passaram carretas vermelhas, berrantes, levando corpos de adolescentes; outras brancas, avan-
zadas a oiro, transportando virginas duvidosas e meninos de colo em caixões cor de rosa, acarretados á mão, e, atrás a galatada ruidosa, que ri quando o caso pede choro, ou chorar por ninharias que fazem rir. Passavam, passavam sempre os que sucurbam o pé da vida negra desta Lisboa, da fome, da doença e da morte.

No cemitério havia desusado movimento. Era domingo. Talvez saiba melhor os mortos dar o seu derradeiro passeio neste santo dia. Chegavam os enterros uns após outros, assim mo-
numentos de predra trabalhada, cheios do mesmo silêncio, do mesmo vazio, do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos e lágrimas, de imbecil-
génios, de vida e de morte, de tudo e de nada. Nada... — ?

Nada, sempre o nada, aquém e além da vida!

Pergunto para que serve a ambição dos homens e a mesquinhez de certas vidas. A resposta é sempre a mesma: Para isto! Vejo entao o campo infinito das sepulturas. Pergunto para que se luta, para que se amam ideais, o que é o amor e o ódio. E a resposta é sempre a mesma: as campas, os altos monumentos de predra trabalhada, cheios do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos e lágrimas, de imbecil-
génios, de vida e de morte.

No cemitério havia desusado movimento. Era domingo. Talvez saiba melhor os mortos dar o seu derradeiro passeio neste santo dia. Chegavam os enterros uns após outros, assim mo-
numentos de predra trabalhada, cheios do mesmo silêncio, do mesmo vazio, do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos e lágrimas, de imbecil-
génios, de vida e de morte.

No cemitério havia desusado movimento. Era domingo. Talvez saiba melhor os mortos dar o seu derradeiro passeio neste santo dia. Chegavam os enterros uns após outros, assim mo-
numentos de predra trabalhada, cheios do mesmo silêncio, do mesmo vazio, do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos e lágrimas, de imbecil-
génios, de vida e de morte.

No cemitério havia desusado movimento. Era domingo. Talvez saiba melhor os mortos dar o seu derradeiro passeio neste santo dia. Chegavam os enterros uns após outros, assim mo-
numentos de predra trabalhada, cheios do mesmo silêncio, do mesmo vazio, do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos e lágrimas, de imbecil-
génios, de vida e de morte.

No cemitério havia desusado movimento. Era domingo. Talvez saiba melhor os mortos dar o seu derradeiro passeio neste santo dia. Chegavam os enterros uns após outros, assim mo-
numentos de predra trabalhada, cheios do mesmo silêncio, do mesmo vazio, do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos e lágrimas, de imbecil-
génios, de vida e de morte.

No cemitério havia desusado movimento. Era domingo. Talvez saiba melhor os mortos dar o seu derradeiro passeio neste santo dia. Chegavam os enterros uns após outros, assim mo-
numentos de predra trabalhada, cheios do mesmo silêncio, do mesmo vazio, do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos e lágrimas, de imbecil-
génios, de vida e de morte.

No cemitério havia desusado movimento. Era domingo. Talvez saiba melhor os mortos dar o seu derradeiro passeio neste santo dia. Chegavam os enterros uns após outros, assim mo-
numentos de predra trabalhada, cheios do mesmo silêncio, do mesmo vazio, do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos e lágrimas, de imbecil-
génios, de vida e de morte.

No cemitério havia desusado movimento. Era domingo. Talvez saiba melhor os mortos dar o seu derradeiro passeio neste santo dia. Chegavam os enterros uns após outros, assim mo-
numentos de predra trabalhada, cheios do mesmo silêncio, do mesmo vazio, do mesmo nada. Sofrem as mães, para nadar; sacrificam-s as vidas, para nadar; homens esmagam outros homens, para nadar. Sempre esta alternativa de luta e paz, de ricos e de pobres, de luz e treva, de risos

Pelos Correios e Telégrafos

Atropelando a lei

Já os dissemos, mas tornamos a repetir. Não há médicos que atestem, nem os que obriguem o homem a produzir mais que o que as suas forças permitem.

Só ainda os há que possam dobrar-nos, que não podem. Contudo uns e outros, quando violentados, necessitam de uma alimentação compatível com o excesso do trabalho.

E' justamente o que se não pratica na roça a que chamam Correios e Telégrafos. Não com 70 ou 90 centavos, que nem sequer chegam para um almoço, que se retrubr esse sacrifício.

Pois o sr. Sanches não quer compreender assim. De modo que coage por ameaças e pela violência o empregado a executar o que não deve nem pode.

A sua desumanidade e arbitrariedade, chega ao extremo de dizer que o atestado médico, para ele, de nada serve.

Para nós sucede precisamente o contrário. O que ele diz é que não nos serve e não nos justifica.

Se estas violências são "ordens" de cima, a classe telegráfora só tem este recurso - impôr o respeito pelo seu direito, e só por malevolência se poderia desvirtuá-lo.

Incidências, remata o nosso informador, tem existido é facto, mas é da parte dum mercereio sem escrúpulos e alguma politiquice ambiciosa.

Os elementos operários de Benavila receiam coisa alguma pela propaganda que tem feito, pois tem procedido com honestidade, o mesmo já não sucede aos senhores da Moagem, que não contentes em praticarem uma verdadeira espoliação contra o povo, para vingarem do seu protetor, provocam a fome, deixando as padarias dias consecutivos sem farinhas, quando já temido cheio de trigo debulhado.

Aí fica o desmentido da atoarda sobre os pretendidos assaltos em Aviz e da insinuação feita aos camarárados de Benavila, ao mesmo tempo que se protesta contra o infame procedimento dos moageiros, que estão a pedir um sério correctivo.

Das suas tesuras mais tarde, quando não tiver apelo nem agravo, terá que se arrepender.

A nomeação de aspirantes e oficiais, para os lugares de chefes de grupo, é outro atropelo à lei, e uma extorsão de direitos conferidos aos nossos camarárados carteiros.

Estando tudo isto que vimos expondo, exuberantemente provado, que são violências e uma acintosa perseguição ao pessoal menor, porque não se tomam providências?

Prove-nos, expique-nos o sr. Sanches, ou quem o instiga, o contrário do que afirmamos, e se disso for capaz, é o incontestável direito de nos chamar caluniadores.

E se o não fizer, continuaremos na nossa campanha moralizadora, embora a sua fraqueza e fraseologia lhe dê para nos louvar com o termo de bandidos.

Como não pretendemos captar as suas simpatias e favores, assim mesmo seguiremos a nossa missão, enquanto a classe nos dispensar o seu aplauso e incentivo.

Não arripiaremos caminho, descanso.

Três FIXES.

Pessoal da Fábrica de Bartarema

O pessoal da Fábrica da Pólvora de Bartarema, reunido na sede da Associação dos Bombeiros Voluntários da localidade, para ouvir a Comissão de Melhoramentos do Pessoal do Arsenal do Exército sobre as suas reivindicações e outras que interessam, longos meses, saíram a *Batalha*, com entusiasta defensor da organização operária, e resolvem abrir uma quente em seu auxílio, a qual rendeu 785.

Criança desaparecida

António Joaquim Vinagre, rua da Praia do Monte-Pio, n.º 70, 25, conta-nos que tanto ontiver desaparecido seu filho, chamado Constantino, de 4 anos, pede a qualquer pessoa que saiba do seu paradeiro, o favor de o indicar para a morada acima. A criança é morena, vestia um fato de calzado cinzento, com riscas pretas.

na sala do Monte-Pio de S. José, onde efectuou a reunião, o secretário, sr. Geraldo, começou por dizer que era muito amigo dos operários e muitas coisas bonitas, passando depois a ler a tabela apresentada pela classe e com as alterações feitas pelos patrões.

Finda a sua leitura, o camarada Felelberto Baptista demonstrou a pouca importância que tinha a oferta feita pelos industriais, declarando percentualmente que a classe não podia aceitar tam bem a oferta, porquanto a classe tinha forças para conquistar mais salário. Seguiu-se quem estas linhas traça, analisando ponto por ponto as ofertas feitas, declarando também em nome da classe que ela não aceitaria a oferta, pois que os oferentes preços que já ganhavam antes da greve.

Ainda sobre as gaspeadeiras lastimáveis que os industriais não propõem, sendo estas quem em todos os tempos tem sido mais exploradas.

Depois seguir-se a discussão entre alguns industriais e os membros da comissão operária, conseguindo-se, após duas horas de discussão, arrancar aos industriais mais salário que aquele que de princípio ofereciam, não conseguindo a comissão obter para as gaspeadeiras mais do que 20.00, sobre os antigos salários.

Como tivesse terminado tarde a reunião e embora a classe estivesse esperando pelos seus resultados, a comissão resolveu que só no dia seguinte se dará contas da demarcação efectuada.

Assim as 11 horas do dia seguinte, enfiu a classe no seu máximo número, tendo lida a tabela com as alterações feitas. Foi devidamente apreciada, resolvendo a classe aceitar a transição, isto em face dos nossos camaradas do Porto terem também transigido; sobre as gaspeadeiras, depois de algumas se terem pronunciado contra a proposta dos patrões, que declararam ser um esclarecimento não aceitar e continuarem em luta, até que sejam atendidas as suas reclamações.

Hoje, reúnem novamente os industriais para resolverem sobre o salário das mulheres.

Bom será que atendam às suas reclamações, evitando assim prolongar-se o conflito com o que nada ganharão os industriais, pois sabem bem que tanto os operários como as gaspeadeiras têm agilidade em colocar-se nas localidades próximas, especialmente no Porto.

Esta associação recebeu hoje um telegrama do camarada João Pereira do Rio, participando que chegava hoje,

Sobre a borda de assaltos em Juiz

Algumas jornais da primeira semana deste mês, noticiaram terem-se dado duas tentativas de assaltos em Aviz, atribuindo-as à influência de elementos avançados de Benavila, quando foi duma manifestação que os trabalhadores ali realizaram protestando contra o aumento do preço da farinha.

Só ainda os há que possam dobrar-nos, que não podem. Contudo uns e outros, quando violentados, necessitam de uma alimentação compatível com o excesso do trabalho.

E' justamente o que se não pratica na roça a que chamam Correios e Telégrafos. Não com 70 ou 90 centavos, que nem sequer chegam para um almoço,

que se retrubr esse sacrifício.

Pois o sr. Sanches não quer compreender assim. De modo que coage por ameaças e pela violência o empregado a executar o que não deve nem pode.

A sua desumanidade e arbitrariedade, chega ao extremo de dizer que o atestado médico, para ele, de nada serve.

Para nós sucede precisamente o contrário. O que ele diz é que não nos serve e não nos justifica.

Se estas violências são "ordens" de cima, a classe telegráfora só tem este recurso - impôr o respeito pelo seu direito, e só por malevolência se poderia desvirtuá-lo.

Incidências, remata o nosso informador, tem existido é facto, mas é da parte dum mercereio sem escrúpulos e alguma politiquice ambiciosa.

Os elementos operários de Benavila receiam coisa alguma pela propaganda que tem feito, pois tem procedido com honestidade, o mesmo já não sucede aos senhores da Moagem, que não contentes em praticarem uma verdadeira espoliação contra o povo, para vingarem do seu protetor, provocam a fome, deixando as padarias dias consecutivos sem farinhas, quando já temido cheio de trigo debulhado.

Aí fica o desmentido da atoarda sobre os pretendidos assaltos em Aviz e da insinuação feita aos camarárados de Benavila, ao mesmo tempo que se protesta contra o infame procedimento dos moageiros, que estão a pedir um sério correctivo.

Demais, que isto não sendo nosso, também seu não é, e quem com ferro mata... não espere receber ramos de flores como recompensa. Tudo é questão de tempo e espaço.

Das suas tesuras mais tarde, quando não tiver apelo nem agravo, terá que se arrepender.

A nomeação de aspirantes e oficiais, para os lugares de chefes de grupo, é outro atropelo à lei, e uma extorsão de direitos conferidos aos nossos camarárados carteiros.

Estando tudo isto que vimos expondo, exuberantemente provado, que são violências e uma acintosa perseguição ao pessoal menor, porque não se tomam providências?

Prove-nos, expique-nos o sr. Sanches, ou quem o instiga, o contrário do que afirmamos, e se disso for capaz, é o incontestável direito de nos chamar caluniadores.

E se o não fizer, continuaremos na nossa campanha moralizadora, embora a sua fraqueza e fraseologia lhe dê para nos louvar com o termo de bandidos.

Como não pretendemos captar as suas simpatias e favores, assim mesmo seguiremos a nossa missão, enquanto a classe nos dispensar o seu aplauso e incentivo.

Não arripiaremos caminho, descanso.

Três FIXES.

Comissão pré-presos

por questões sociais

Reuniu a comissão pré-presos por questões sociais apreciando a situação dos camaradas presos. Visitou oentes Forte de Monsanto os camaradas que se encontram detidos em infames masmorras. Protestava-se no tempo da monarquia contra aquelas prisões, e a república não tem escrúpulo em servir-se delas para encarcerar os trabalhadores. Ali se encontram bastantes homens quase a morrer de fome, quando podiam estar no seu elemento.

A comissão resolviu auxiliar os que ali se encontram presos por questões sociais, com a quantia de 22.000. Deu mais 3.000 aos dois camaradas manipuladores de pão do Porto, que vieram da Casa de Reclusão daquela cidade, tendo sido julgados juntamente com o camarada Jerônimo de Sousa. Os três escudos foram enviados por dois camaradas da mesma profissão, de Viana.

Os presos por questões sociais, no Forte de Monsanto, resolvem fazer uma cozinha comunista, com os presos que se encontram no mesmo grupo.

É igualmente conveniente que compareça a comissão pré-presos dos corpos-generais de cada secção do sindicato José Matos.

Sindicato Único Metalúrgico. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, sendo conveniente a compariência de todos os delegados da comissão, a fim de aumentar a eficiência da comprimento das cobradoras e que não prestaram contas de como tornaram conta da distribuição aos sindicatos das circulares explicativas do aumento da comissão.

Centro de Comunicação Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Limpeza e Sanidade Pública. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a direcção deste sindicato. Pede-se a comparecência de todos os delegados da comissão, assim como os camaradas tesoureiro e contador.

Sindicato Único Mobiliário. - Convocada administrativa, para o dia 10 de dezembro, para a apresentação da comissão administrativa da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.

Operários de Construção Civil. - Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa de que consta o Centro de Comunicação Civil, que é a entidade que constitui a comissão de negociação entre os delegados da comissão e os delegados da Federação.